

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

**ASSIGNATURA**

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.<sup>a</sup> publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis. Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

**A OBRIGA**

## LE ROI S'AMUSE

As gazetas e o telegrafo vão comunicando, ás jentes luzas, o que fora da terra tem feito e passado el-rei.

Na Espanha, soubemol-o pelo periodismo madrilenho, as festas em honra do moço rei, aparatozas da pompa oficial, foram pobres e descoradas de azeção popular:—todo o paiz onde os frailes e os Laciervas-Mauras dão leis, atravessando-o D. Manoel II no meio de cordões de soldados—postos á laia de izolador.

Na Inglaterra, a mesma acolhida de pompa, por banda do officialismo, e com um tanto já de bom senso muito menos medidas policiaes—vexatorias, irritantes, mal-parecedoras para uma mocidade reinante, mocidade radioza, num trono novinho em folha e eminentemente liberal. . .

Aada, pois, como um D. Pedro das priscas eras, o nosso soberano a correr as sete partidas do mundo, e, vá, que viajar pela Espanha, Inglaterra, França, para um qualquer morgado de povos não é tarefa das mais somenos. Só o estudo a reter em tudo—só isso, sáfa, é de estar-recer. . .

D. Manoel, quer em Madrid, quer em Londres, alem de outros encargos de circustancia, tem tido o dos discursos solenes. Pobre moço. Os seus discursos solenes! . . .

Toda a jente o sabe, o que o chefe da nação portugueza venha a dizer, ao tocar das taças, não faz olhar nem mexer-se o mais esfarrapado e pequeno.

S. M. portugueza não mete pá de carvão á caldeira do desconcerto europeu, nem o que digam seus labios jovens chega a ouvido das jentes.

Não. Lá fora vale apenas pelo que peza, e, todos, fora de Portugal, conhecem peregrinamente onde nossos recursos chegam. Todos sabem que somos pobres e estamos em perigos de subversão, todos conhecem que somos broncos, ignaros (79 % de analfabetos!!!; cáos, miseria, imbecilidade e consocios no nosso ensino!); todos se mofam do nosso abastardamento, e ao dominio de todos chegou que não somos cidadãos e não temos defeza publica. . . Ai de nós! somos o Job do ocidente, e por mais galas e galhardia que esplenda o nosso reinante ninguem nos toma por jente. D. Manuel não vae buscar alianças, não leva a extranhos a saudação de um povo de fortes e dignos, não é o porta voz de uma civilização, o simbolo de uma grande vida. Vae passear, simplesmente, vae amostrar-se.

Divertir-se-ha?

E' possível, e, do mal o menos, que se divirta. Para isso nascem os reis, que o nosso não evite esse curiozo destino, tão nas tradições da familia. Mas divertir-se com a miseria em caza, mas espáreecer com a intranquilidade, o mal estar, o soffrer na terra. . .

Divertir-se, gozar, quando o seu paiz desliza por um caminho de morte, quando os seus conselheiros e servidores, ineptamente, peoram a incomportavel agudeza da situação. . .

Que antes de ir estudar os estranhos se cuidasse do que ha por cá,

se labutasse, a valer e a serio, nas preocupações caseiras, se fizesse uma tentativa porfiada, intelijente, de destruir o que temos máo e melhorar o que ha deficiente; que, elevado ao trono, D. Manoel vivesse o esforço fecundo de suavizar a hostilidade entre o passado, que representa, e o presente e o futuro que o não aceitam!

Como rei, que fizesse gala em não saír da sua terra sem haver aluido a ignorancia, repostos as leis no seu altar inflexivel, obstado ao descalabro economico; como rei, a extranhos fosse mostrar, o passado decididamente disposto a colaborar na civilização, no renascimento, na tranquilidade de um povo!

Porem não, assim não succede.

D. Manoel foi gastar dinheiro, desperdiçar tempo, tão só pelo goso humano de dar abraços á parentela. Dinheiro que não adquiriu por um merecimento devido, tempo que lhe escasseará algum dia, porventura, para a si proprio sêr bom.

Verá grandes civilizações sem as comprehender, deslizando pela epidemie dos factos; sentirá a ventania de ideas novas sem recetividade para as entender. Londres, Paris, afiguram-se-lhão, talvez, os maiores estrados do mundo para as teatralizações do Podêr; e escapar-lhe-ha o quid profundo que lhes dá a vida do espirito. Em suma, como já dissemos, a modos de riação por desbravar, D. Manoel irá gastar dinheiro, perder o tempo—dois desperdicios de uma assentada.

Mas divertir-se ha. E' certo.

. . . Precisamente á hora em que os que pagam a festa sentem as agruras da fome, ou as ameaças de uma penhora e de uma data de sabre.

E' patriótico: tipico!

Antonio Valente.

## Ao povo republicano

O Directorio do Partido Republicano julga dever n'este momento, muito significativo da crise nacional, fixar a orientação que interprete as ideias e os sentimentos da democracia portugueza.

Como symptoma da lueta entre o espirito regressivo de uma parte da sociedade e as reivindicações do espirito moderno, devemos verificar em todo o seu valor a iniludivel associação dos elementos reaccionarios portuguezes com os mais altos poderes do Estado. O partido republicano não pôde adoptar perante esta situação outra attitude que não seja a de um combate intransigente.

As resistencias da monarchia, no seu aspecto puramente politico, já exigiam uma lueta sem treguas, attendendo aos males de uma instituição tradicionalmente hostil aos mais vites interesses patrióticos; a sua identificação com o clericalismo, que é o inimigo de todo o progresso scientifico e social, impõe á democracia a obrigação de se opôr por todos os meios ao predominio das forças catholico-reaccionarias.

Se as facções monarchicas não se tornassem solidarias com a reacção clerical, o partido republicano estaria dispensado de fazer afirmações precisas sobre a sua attitude perante a questão religiosa; mas

a conducta do parlamento em 2 de agosto e a solução dada pelo governo ao recente conflicto do poder civil com a igreja obrigam-no a recordar aos republicanos portuguezes que o programma democratico, estabelecendo o maior respeito pela liberdade de consciencia, impõe no entanto ao espirito da democracia uma orientação que se inspire no pensamento do seu programma.

Transigindo com o ultramontanism, os poderes publicos collocaram nitidamente a questão: de um lado está o Estado monarchico, submettendo-se ás forças reaccionarias, a fim de prolongar a sua existencia, condemnada pelos maiores interesses nacionaes, do outro, está o partido republicano reivindicando a supremacia do poder civil, como garantia dos interesses da liberdade.

No bom combate são bem vindas todas as vontades que queiram cooperar na obra da eliminação do dominio clerical.

Mas a lição de factos recentes obriga a precaver-nos contra o sophisma de uma monarchia democratica, formulado á sombra de illusorias esperanças de conciliação entre as instituições monarchicas e o espirito democratico; e assim é indispensavel dizer sem intenção alguma reservada, em relação aos intuitos dos liberaes, que o partido republicano já não pôde separar a reacção religiosa da reacção politica. Não basta combater os clericos: é indispensavel dar batalha ás instituições politicas, que, pelo facto de se acollerem á sua solidariedade, se converteram n'um perigo permanente para a liberdade.

N'este criterio nos dirigimos aos republicanos e á imprensa partidaria de todo o paiz, para lhes significar a necessidade de manter perante os partidos monarchicos, sem excepção, a attitude de unidade de pensamento e de acção que constitue a força suprema da democracia portugueza.

O Directorio.

## ECHOS DA SEMANA

### Cazo esquecido

No «Diario do Governo», safu ha dias publicada a carta de lei autorizando o governo a rescindir o contracto outorgado ao principe de Hohenloe para a construção dos sanatorios da Madeira, pagando-se ao concessionario a indemnização de 4.425.000 marcos e respetivos juros de 5 % desde 20 de agosto de 1908.

São umas centenas de contos de se lhe tirar o chapéu, absolutamente dadas em pura perda, e tudo isso por uma inepcia de lorpa de vida á habilidade, intelijencia e honestidade—sem mancha!—dos semideuzes da monarchia.

Mas quem se lembra já hoje de isto?! . . . Paga-se? Pois muito bem!

E' arranjar amanhã outro cambalacho da mesma força, que o paiz é rico de mais e sente-se embaraçado com a applicação a dar ao dinheiro.

Apareça por ahi outro principe. . . Não lhe faltarão variantes do cazo dos sanatorios, nem terá difficuldades em convencer qualquer ministro mãos rôtas.

E não tem volta. . .

### Balão de ensaio

O «Diario Popular», de sexta-feira passada, em noticia intitulada «vende-se Moçambique?» diz o seguinte:

«Temos ouvido falar com certa insistencia na venda da nossa provincia de Moçambique.

«Diz-se que a Inglaterra envida todos os esforços para adquirir os portos de Lourenço Marques e da Beira, e que ha negociações entabladas a este respeito com o governo portuguez.

«Será isto verdade? «O paiz pretende saber o que ha sobre este grave e momentozo acontecimento.

«Nada de surpresas». E' possível que tudo assim seja, mas é muito natural que se engajem os negociadores, se os ha.

Nunca em Portugal se consentiria tal venda, contra a qual se ergueria invencivel a rezistencia republicana.

A' monarchia nova, para ganhar as boas graças de Londres e para se safar de apertos, não deixaria de vir a horas a venda de Moçambique. Mas a monarchia nova, no momento em que assinasse o contracto, lavrava a sua sentença irrevogavel e imediata de morte infame. Não! A provincia de Moçambique ainda que isso lhes custe não se atreverão a vendel-a.

Os boatos impressos no «Popular» podem sêr matreiros balões de ensaio a vêr a resposta da opinião publica. Mas o melhor é que a Monarquia é a unica forma de governo que garante a integridade e a independencia nacional. . . Pois esquecia-nos. . .

### Os chacaes brancos

Na America, os Estados Unidos, quando qualquer negro, ás vezes, desce ás violencias do crime, não estão os Wankées com meias medidas—applicam-lhe a «lei de Lynch». E' uma questão de odios instintivos de raça dizem sociologos de capelo e borla, e, sem que duvidemos do acerto, queremos aditar que, em tal cazo, a raça selvajem é a que invade as prizoês e retalha em postas um desgraçado que, muitas vezes, não teve crime que se conheça a não sêr. . . o distintivo da côr. Os americanos, a sua civilização esplendente. . . Não vão mal a organizar batidas em regra contra tudo quanto não seja branco, com a fortuna invejavel de terem a coenestar-lhe as malfetorias os seus sociologos e moralistas. A caça ao negro! . . .

Hade vir recomendada na Biblia, onde se ensina que o eterno manda os seus arcanjos ao povo eleito para o ajudar na exterminação dos jentios. E como os Wankées são praticantes feis da Biblia saciam seus odios e prestam honra ao eterno indo ás cadeias linchar o negro—com toda a certeza o jentio de hoje.

E' da civilização, da moral. . .

### Sociedade de Jeografia

Na festa em honra dos marinheiros brazileiros do «Benjamin Constant», festa realizada com brilho na Sociedade de Jeografia, discursando aos nossos irmãos da America, Consiglieri Pedrozo propoz a organização d'um accordo luzo-brazileiro recomendendo-o e defendendo-o calo-

roza e proficientemente. A idéa do eminente professor de historia não caíu em terreno safaro, parece, e trabalhos vão realizar-se nesse sentido com a azeção de portuguezes e brazileiros. Escuzaremos de encarecer a importancia do intento, devido—é oportuno e util frizal-o—á iniciativa e intelijencia de um republicano portuguez.

Assim se vê quem trabalha patrioticamente e intelijentemente.

### Macau

Dois telegramas, para a socega: Londres, 13. A «Ajencia Reuter» recebeu um telegrama de Hong-Kong dizendo que as negociações entre a China e Portugal para a delimitação de Macau foram suspensas devido á impossibilidade de chegarem a acordo os membros das commissões de delimitação, e que foi decidido comunicar essa impossibilidade aos seus governos.

Hong-Kong, 13. Os membros da comissão portugueza da delimitação de Macau recomendam a arbitragem como solução ás difficuldades suscitadas e os membros da comissão chinesa são de opinião que os portuguezes não teem direito algum sobre o porto de Macau, que não ha para eles aguas territoriaes, limitando-se os direitos de Portugal a metade do bairro sul de Macau.

Ahi está, ainda e sempre, a obra monarchica; e esta de agora com a chancela e a culpa toda para o radiozo reinado. Abandonaram a colonia, desprezaram-na, e agora ouvem dos amarelos—ólho da rua que nós não lhes conhecemos direitos.

Apenas teem metade do bairro sul de Macau:—não duvidemos, expoliados em breve, e ainda em cima troçados.

Temos metade de um bairro. . . Caramba! Salta já um telegrama da Liga Azul, felicitando o joven monarcha pelo admiravel triunfo.

## A republica brazileira

Ha vinte anos—15 de novembro de 1891—o exercito brazileiro na cidade do Rio de Janeiro revolucionava-se, proclamando a republica e fazendo embarcar para fóra do territorio nacional, Pedro II o imperante deposto. Profundas e antigas cauzas de mal estar, associando-se á propaganda tenaz e infatigavel de gloriosos nomes illustres no propagandismo republicano, precederam e crearam o movimento revolucionario, cujo triunfo, aceite de boamente por toda a nação brazileira, se não impôz, felizmente, pelos horrores e perdas de uma guerra civil. Bastou que os rejentes aquartelados na capital se decidissem pela revolução, para que, immediatamente, a nova ordem de couzas fosse aceite e aclamada unanimemente. Foi pois o exercito que patrioticamente fez a republica, porque a despeito da confiança com que a tirania o prepara para servir de embarço ás aspirações e necessidades de um povo, succede que a força armada se decide por quem de direito— a nacionalidade de que ele é a expressão finalista,

Foi no dia 15 de novembro de 1891...

Quem se entregar ao trabalho de verificar se foi útil a resolução dos brasileiros, se eles ganharam com a mudança, se avançaram com a substituição do imperio pela republica—esse, quem quer que seja, não poderá, ainda que o queira, escapulir-se á evidencia. E' que enorme, impressivo, seguro, é o caminho andado pelo Brazil apoz o advento das novas instituições. O lema do novo estado «Ordem e Progresso» não tem sido uma vã e iluzoria legenda, antes n'ele se pode resumir e reconhecer a ação da juvenil e florescente democracia.

Liberta do centralismo imperial, das quadrilhas de devoristas que lhe serviam de clientela e suporte, varrido o espirito retrogrado e atrofiador da velha e inepta instituição, a terra brasileira livre, desembaraçada, entregue a novas energias e fecundas orientações, começou desde a introdução do regime republicano uma nova vida que é a da civilização, da riqueza, do progresso, do poderio.

Com vinte anos apenas, ella ahí está a mostrar ao mundo com os povos dentro de instituições representativas do seu estado mental, das suas condições naturaes, das suas aspirações civilistas, se engrandecem e se tornam participes da riqueza, da civilização, do pensamento mundiaes.

Nossa irmã hoje, outrora terra filha do Portugal que lhe deu as energias procreatoras da vida, hoje, ainda, terra bem amada dos portugueses, colaboradores do seu florescimento magnifico, ella ahí está dando-nos o exemplo do que conseguem os povos quando se proclamam maiores. Ahí está como estímulo, como lição, e para nós todos como a melhor e mais alta esperança da vitoria e da grandeza de povos que fallam a nossa lingua e pertencem á nossa raça.

Saudamos o seu vigésimo ano de instituições republicanas, felicitando a gloriosa e grande republica do Brazil.

## Pro domo nostra

### II

Miramos e remiramos, viramos e tornamos a virar o quadro da nossa vida collectiva, e não somos capazes de encontrar um pequeno espaço na tela, que dê satisfação ao nosso amôr proprio de vareiros. Apesar da nossa activa e fecunda vida individual, apesar das fortes qualidades naturaes, que apresenta a nossa gente, apparece-nos tudo escuro. Nem um rascão n'esta cerração, nem uma pequena friesta de *claridade*, que possamos mostrar aos visitantes, para allivio da vergonha, que nos ruborisa os capillares faciaes, quando temos de lhes mostrar o atrazo, em que *isto* permanece.

Enchemos a bocca com a *grandeza* da nossa terra, como se para se ser grande fosse simplesmente necessario ter muitas casas e muitos habitantes. Colossal é o monolitho de Mafra, mas de muito maior grandeza é a obra de Afonso Domingues, que cabe n'um dos seus cantos.

Extensísimas são as florestas, onde vagabundeiam os selvagens, mas infinitamente maior é a pequena sala, onde se ensina o *a b c*. E assim que importa, que nos orgulhemos dos quinze mil habitantes, se temos as portas fechadas á civilização, se arrastamos uma vida caracteristicamente atavica, se não gozamos nenhum dos beneficios do Progresso?

E se não, corramos essas ruas. Nos seus alinhamentos predomina a linha quebrada, que é a imagem da conducta torta, de quem n'elles tem vindo consentindo ha tantos annos.

Quando todos os principios e

até o simples bom senso, mandam alargar as ruas e arborisalas, nós assistimos ao triste espectáculo do seu estreitamento. Olhemos para o seu pavimento e valêtas com as precauções necessarias para não soffrer enjôo.

A villa toda é logradouro dos immundos, que para ella fazem descarregar os excretos, que lhes sobram em casa; as suas valêtas recebem e dão curso a liquidos nauseabundos, fetidos e pestilenciaes, que trasbordam das fossas e sagudes. Uma pocilga, onde engordamos sem incommodo de maior!

Se algum dia, por circunstancias que nada faz prevêr, a nossa terra cultivar com esmero os preceitos de hygiene publica, havemos de extranhar muito, e quem sabe se, movidos por intensa nostalgia, não protestaremos contra os *barbaros* que nos querem civilisar. Não foge sempre o suino para o chiqueiro?!

No entanto temos posturas, que isso cominam e codigos que tal não consentem.

Mas não temos cidadãos que cumpram as leis, nem autoridades que cumpram o seu dever, compellindo-os!

Pois se todos prevaricam! O illustrado apezar de conhecer as leis e os efeitos perniciosos da sua transgressão, e o ignorante que é victima do desleixo a que o votaram.

O rico, a quem sobra o dinheiro para sanear a sua habitação, e o pobre, a quem o exemplo do rico tira a vontade de ser cumpridor.

O dirigente, que desmoralisa com a sua incuria e corrompe com o favoritismo, quando não é o primeiro a calcar as leis, e o dirigido, que tem a certeza da impunidade, porque é eleitor.

Tudo prevarica n'esta boa terra de *liberdades*: as autoridades que dormem o somno da indolencia ou da incapacidade, ou que por tal preço julgam comprar uma influencia, que não dá prestigio, nem causa proveito; e os municipios desmoralisados pelo exemplo de cima e confiados no *compadrio*.

Destroem-se as arvores em demetada cegueira, como se fossem plantas damninhas e não padrões de belleza, conforto e salubridade. Arruinam-se as bermas das estradas, que são *roupa de francezes*, porque a *ordem é rica*, e a sonneca sabe bem ao som da *chiadeira* do carro. Os trens e as bicycletas não necessitam de lanternas, porque a providencia excepcionalmente vela por este concelho excepcional, livrando de atropellos velhos tropegos e creanças inhabeis ou distrahidas.

Obstruem-se os passeios, que não foram feitos para commodidade de todos, mas para depositos ou negocio do primeiro que os occupa.

Se não olharmos attentamente para as varandas e janellas, enxarcar-nos-ha aromatico banho de agua chilra, quando não fór o conteúdo do vaso da noite, que se lance á rua sem o preventivo grito de «agua vae».

Os estrumes passeiam as ruas da villa, regando-as, e os *sugos* dos chiqueiros correm pelas sargetas a ceu aberto. E para tudo isto ha posturas! E não ha sequer a cautella de transgredir ás occultas, tudo se faz á luz clara do dia, porque tudo permite o desleixo mais do que o proposito.

Periga a saude? O medico, o pharmaceutico, o padre e o cozeiro precisam de engordar. Sofrem o conforto e a commodidade?

Os incommodados, que se retirem, diz a philosophia dos egoistas. A Esthetica anda mal tratada ás mãos d'estes barbaros?

Os que dizem que a arte e o bello depuram o gosto e aperfeçoam o sentimento, não passam de theoreticos utopistas.

E a moral? mas o que é moral n'esta nossa terra?

Para os de cima é commandar tyrannicamente *caciques*, que arranjam votos; para os de baixo é ter padrinhos, que *livrem* os filhos.

Para os de cima é ter *coterie*, que incense a vaidade, achando boas todas as prepotencias e optimas todas as resoluções, embora erradas e nefastas; para os de baixo é possuir *compadres*, que vençam as questões, protectores, que corrompam testemunhas, influentes, que arranjam empregos.

O voto realisa prodigios. Isenta recrutats, transforma criminosos em victimas, n'um instante muda o caracter das creaturas. O perverso apparece honrado, se nos favorecer com o quadradinho de papel, que representa a nossa lista.

Ha mais de duas duzias de annos, que Ovar é victima da maior dissolução de costumes. Perdeuse o respeito mutuo e, o que é mais, o sentimento da propria dignidade. A vida de qualquer cidadão, já cercada de todos os desconfortos, ainda anda jogada á mercê de qualquer *garoto* armado, que as trevas camararias e a complacencia administrativa veem, ha muito, protegendo.

Mas isto dá muito que escarpellar; ficará para mais vezes.

Manoel Nunes.

## ARA

### OS CONDENADOS

Ha dois dias que vivo sem dormir, o coração e os nervos revolvidos por ter ido tambem a vêr partir um navio levando condenados.

Que desespero o meu na occasião de os vêr gritando na amplidão do mar! Ergui meus braços nessa direção e fiz o juramento de os vingar.

Vêr os filhos do povo sêr levados para longe da patria e sem perdão... Onde ha maior inferno, ó dezerdados? Onde ha maior ultraje, ó coração?

Silvos no mar, gritos na terra... Adeus! E todavia a culpa não foi sua. Tinham nascido fracos e plebeus e em vez da escola deram-lhes a rua.

Alguns tinham passado a vida inteira cavando montes, revolvendo outeiros e tudo para os mais: nem uma leira, nem um casebre para os aguaceiros.

Outros lutando em rejões distantes, ao regressar viram-se atraçoados choraram, protestaram... E em dois instantes foram depositos, foram aljemados.

E atravessava, meditando assim, todas as ruas numa desfilada, um beco onde fui dar, sem porta ao fim, trouxe-me a ideia de uma barricada.

Estas coizas desvairam-me: por isso, fuji odiando as turbas e as calçadas... Onde estarias tu, povo insubmisso, que derrues troncos, que ergues barricadas?

Descia a tarde, lenta, vagarosa, no frio horror das couzas, tristemente. E a cidade a vender-se, cancerosa, e a multidão matando-se, inconsciente.

Quando parei depois, em certa altura onde a estrada fazia uma subida, puz-me a fitar a babilonia escura na evocação do seu trabalho e vida.

Povo! quando serás essa divina raça, que ha-de cumprir minhas promessas! Marcha, agoniza, inventa, explora e mina, mas não te esqueças nunca, ai não te esqueças

de que és a luz, o movimento e o pão; de que vens conquistando a terra e o espaço, tendo a vida apertada na tua mão e a humanidade preza ao teu abraço.

Thomaz da Fonseca.

## ANDANTE

### Economias, moralidade...

Vem n'um dos orgãos da imprensa, relegado para o cantinho, quase obscuro, das noticias a que se não liga conceito. Trata de escandalos n'aquella inezaurivel melgueira que são as colonias, e relata-se isto que é instrutivo e caracteristico:

«Entre as nomeações recentemente feitas e não justificadas

conta-se a de um enjenheiro, com o vencimento de cinco contos de reis annuaes, e a de sete empregados, para servirem sob as suas ordens e cujos ordenados somam sete contos de reis por ano. Destino: a provincia de Moçambique. Ora o snr. Freire de Andrade, governador jeral, afirma, segundo consta, que o enjenheiro é absolutamente desnecessario. Não tem serviço de que o encarregue, pois que ha na provincia enjenheiros em numero suficiente. O mesmo declara quanto ao pessoal acima referido.

Outro funcionario que ha pouco partiu para Lourenço Marques, com o vencimento de cinco contos de reis—vencimento muito superior ao do chefe, sob cujas ordens foi servir—não tem ali ate hoje occupação alguma!

De nossa caza, até aqui, apenas temos dado o italico—mais nada. Vejam bem. Para Moçambique e Lourenço Marques, unica e expressamente afim de colocar afilhados, um rumbo anual no orçamento de 17 contos de reis! Com um descaro inaudito, com uma sem vergonha de quem não teme castigo despachados os felizes para a Africa onde não são para nada precisos, d'onde ninguem os pediu, onde nada ha que lhes dar a fazer... senão o embolso dos vencimentos. E isto, afinal, é um episodio, um accidente, visto como, afirmou-se o que se afirmar, a regra isso seja e ha que rôr de anos! Nas colonias, como na metropole, e não ha faminto nenhum que não dirija os seus sonhos para as *razias* monumentaes do continente africano e das suas ilhas. Assim as temos admnistrado, assim as temos feito penetrar na civilização, na felicidade. Os maiores adquiriram-as á custa de heroico esforço, mas não tem duvida que cá deixaram quem lhes complete o empreendimento...

Ah! é indecorosissimo, reles, esse processo mesquinho de talhar ás postas uma fortuna e uma herança que impõe responsabilidades, e distribuil-as por incapazes: —os *compadres*, os afilhados, essa maldita e daninha raça de parasitas. E é isto—17 contos de reis por ano a quem nada faz, nem nada tem que fazer!—é isto a moralidade monarchica; isto são as economias monarchicas. Economias, moralidade... Não ha ministro nenhum do rei que as não invoque com ares de cazo e as mãos no peito, todos falando pelos cotovelos na necessidade de se mudar de sistema administrativo, todos proclamando que é tempo e hora solene de nos deixarmos de desperdicios e favoritismos; mas essa cantiga é no parlamento a vêr se pegam as bichas, e fazendo sinais aos *compadres*, não vão os homens morrer de susto...

Economias, moralidade... A monarchia nova realiza-as todos os dias, dando hoje 17 contos a estes, amanhã esta ou aquella ucharia a outros, e pagodeando-se, gozando, corrompendo, que esta vida não chega a netos...

## LIVROS & AUTORES

Aos de Cerva e aos de Mondim, eufemismo que, neste caso, diz aos de toda a terra aonde se fale a lingua nossa portugueza, a esses, mais uma vez, se dirige em letra redonda o escritor Silva Pinto.

Fal-o no volume «A Procela», andando já, com este ultimo livro, para muito perto de trinta mil paginas escritas; e, consoante o uzo e costume, fal-o para que chegue aos de Cerva a mais orijinal, mais viva, mais cristalina e mais pessoal apreciação das couzas e dos successos do mundo.

Azeda sempre—que é como os outros lhe chamam—mas verdadeiramente ensoalhada de uma comochão subtilissima e profunda, a pena gloriosa de Silva Pinto, agora, como até aqui, alia ás magnificencias do lexico e do seu desabafo

incizivo, pajinas de verdadeira serenidade, de autentica e inolvidavel doçura.

Sem marjem para incertezas, ella que ha feito chorar e rir e nunca ha tido indiferentes, que ha sido denegrida, odiada;—mizerias do despeito e da vilania abatida; sem marjem para incertezas, apresse, a espaços, em tonalidades de paz bendita. Prova-se, que não ha nada como pôr as cartas na meza...

Vae pois, e sirva isto de intendimento a quem procura as aretas de um escritor todo nervos e coração sem lhe desentranhar o mais belo, o mais vivo, isto que ele nos diz pela boca de outro e é todavia *tão seu*:

«Se de bons e amae. Deixae aos sabios a ciencia, aos nobres o orgulho: compadecei-vos das mizerias humildes; o sêr mais pequenino e desprezado pode valer tanto, por si só, como milhares de seres poderosos e soberbos...

Acreditaie que a humanidade, a compaixão e o perdão são o que de mais belo existe no homem; creie que a intimidade, as expansões, o enternecimento e as lagrimas são o que de mais doce existe na terra. Nada é o viver; pouco vale sêr poderoso, sabio, illustre; não basta sêr util.

Só tem vivido e só é um homem aquele que chorou ao lembrar-se de um beneficio que fez, ou de um beneficio que recebeu».

... Sem mais, conhecem os que leem a Silva Pinto, isto, n'ele, obstinadamente, e tão bem para o nosso plunitivo como para o inglez de primeira plana.

O volume que temos presente insere, alem dos comentarios filosofantes, acerbos, que são o fundo da obra feita de Silva Pinto, seis notaveis cartas ao bispo do Porto, reestampadas numa excelente maré.

A nosso vêr isso lhe dá, entre os volumes dos ultimos tempos, especial relevo e valor, pois não conhecemos em nenhum trabalho, do que ha inumero sobre a materia—os de Santo Inácio, sinteze e acuzação mais veementes, mais rudes, de mais veera e contundente eloquencia, de mais poderosa verdade e de dialectica mais firme.

Vale a pena, como processo a empregar de combatividade contra os jezuitas, o espalhar e vulgarizar aquelas seis cartas ao cardeal Americo, levando-as a toda a parte,—para orientação—de todas as almas.

Vale bem a pena—e o processo de critica e de expozição presta-se, pela sua claridade e promtidão comprehensiva, admiravelmente, ao intento; vindo, assim, a sêr obra da que fructifica dar ao povo a leitura, fortificante, d'aquella inezoravel excomunhão. Pela nossa parte, de quando em vez o faremos, transcrevendo uns trechos para regalo de uns e instrução de outros—instrução de todos, emende-se—pedindo agora venia, d'aqui, ao consagrado escritor:—grande entre os grandes da nossa terra.

## A aggressão de Cimo de Villa

O *Jornal d'Ovar*, suppondo ser agradavel ao snr. administrador do concelho, quer trazer para a tela da discussão esta auctoridade, voltando a insistir n'um facto sobre o qual, para bem d'aquelle, devia conservar-se muito caladinho para o não aggravar.

Injustos não fomos em verberar o procedimento do snr. administrador no caso da aggressão em Cimo de Villa occorrido, porque, saiba-o o *Jornal d'Ovar*, prazer não temos nenhum em atacar ninguem por *dilettantismo*; desejariamos mais elogiar que combater, mas para isso era preciso que prevalecesse a Justiça ao favoritismo e desleixo por parte de quem tem por missão velar

pela segurança individual e material dos cidadãos.

Como em muitos outros casos, arguimos a auctoridade por falta de energia administrativa n'um caso gravissimo passado á sua porta, em que a vida de duas pessoas esteve jogada aos dados da morte.

A razão porque a combatemos e accusamos de não ter obstado á selvatica aggressão foi e é esta:

Toda a gente d'aquelle logar de Cimo de Villa e circumvisinhanças sabia e consequentemente o snr. administrador, que alli é cacique e de tudo sabe, da existencia d'umas rixas entre uns rapazes d'aquelle logar e do Sobral e que estava latente um desaggravo por parte d'aquelles, que se tornaria effectivo na primeira oportunidade.

Essa oportunidade offereceu-se, como d'antemão o previa a gente d'aquelles sitios, na celebre esfolhada da musica.

Ora se d'antemão este conflicto se presumia entre o povo d'aquelles sitios, conclue-se logicamente que o snr. administrador, que alli reside e que convive com grande familiaridade com esse povo, tinha tambem d'isso conhecimento, cumprindo-lhe, como auctoridade, evitar o conflicto, para o que bastava avisar qualquer dos rapazes, que de prompto lhe obedeceria.

Não o fez e por isso a origem da nossa arguição por incuria.

Mas dado de barato que desconhecisse por completo isto, o que fez s. ex.<sup>a</sup> depois de ferida a aggressão, em cujo local compareceu d'ahi a pouco? Mandar chamar um medico e fazer remetter os feridos a suas casas? Só? E' pouco. E que fez aos aggressores, de que cujos nomes foi logo informado? Deixou-os á vontade gosar as delicias da festa, ufanos da sua estúpida façanha, a modos de quem tem, não o rei na barriga, mas o snr. administrador do concelho; não effectou prisão alguma, apesar da gravidade dos ferimentos e, *in continenti* á aggressão, encontrar os indigitados auctores; não procedeu a investigação policial, como lhe incumbem, em crimes d'aquella ordem; nem tão pouco na participação que enviou para juizo, consignou os nomes dos felizes aggressores, limitando-se a mencionar os offendidos na secca linguagem burocratica.

Foi o que o snr. administrador fez. E acha o *Jornal d'Ovar* que foi muito. Concordamos: muito para os amigos de Cimo de Villa.

O mesmo collega, romantizando o caso com *Tenorios e Faus-tos*, pretende defender a auctoridade, allegando que ella fóra do *flagrante delicto* só pôde prender nos unicos crimes em que a auctoridade judicial.

Triste defeza! Para defender aquella, accusa esta como culpice. Esta que lhe agradeça.

O administrador podia e devia prender, porque é das suas attribuições investigar, e do resultado das investigações daria conta ao poder judicial, á disposição de quem poria qualquer detido implicado na contenda, se o houvesse. Só então cessaria a sua responsabilidade, consciente de haver cumprido o seu dever e nada mais.

Sobre a lóã de que o juizo criminal pôde, como a auctoridade administrativa, prender, historias!... O poder judicial só pôde ordenar a captura depois do despacho de pronuncia. Antes, exorbitaria.

Justificamos d'este modo o nosso proceder jornalístico, mantendo, sem rabolice *d'advogado*, a nossa primitiva accusação, já que a referida folha houve por bem bulir novamente no assumpto.

E a troca d'essa descarada protecção á cata de dois hypotheticos votos, adquiriu s. ex.<sup>a</sup> a má vontade dos queixosos, que representam mais de meia duzia.

## Commissão Parochial Republicana d'Ovar

*Esta commissão convida por esta fórma os republicanos d'esta freguezia a inscreverem-se no respectivo cadastro partidario.*

*Para esse fim podem dirigir-se ao signatario ou a qualquer dos restantes membros da commissão, os cidadãos Luiz Ferreira Neves e José Tarujo Laranjeira.*

O Presidente,  
Domingos Lopes Fidalgo.

## NOTICIARIO

### Expediente

*Por parte de muitos assignantes d'esta villa foram apresentadas queixas na administração d'este jornal por virtude de faltas e irregularidades ultimamente commettidas pelo respectivo distribuidor, mau grado nosso.*

*Prevenimos os nossos assignantes que foram dadas terminantes ordens para se não repetirem d'oravante taes irregularidades na distribuição.*

*Egualmente lhes pedimos para requisitarem d'esta administração qual-quer numero que lhes haja faltado e para nos communicarem para o futuro, nova irregularidade se a houver.*

### Dia a Dia

Fizeram annos:  
No dia 13, o snr. Arthur Ferreira da Silva.

No dia 14, a snr.<sup>a</sup> D. Maria Gomes Carrellas Aleixo, esposa do nosso amigo dr. Antonio Emilio Rodrigues Aleixo e a menina Anatilde de Jesus.

E no dia 16 o nosso bom amigo e correligionario José Gomes da Silva Bonifacio.

Tambem faz annos no dia 20 o snr. Gonçalo Ferreira Dias.

Cordealmente os felicitamos.  
=Embarcou ante-hontem em Leixões, em viagem de recreio, para a Ilha da Madeira, o nosso prestimoso amigo dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Em sua companhia seguiram tambem os snrs. Manoel Joaquim Rodrigues e Balthazar Machado Botelho Salazar.

Feliz viagem e que muito gosem é o que lhes appetecemos.

=Regressou de Lisboa a menina Rita d'Oliveira Dias.

=Do Rio de Janeiro tambem regressou o snr. Antonio Manoel André Redes.

=Tem passado incommodado de saude, estando agora felizmente melhor, o nosso presado correligionario snr. José Maria Pereira d'Almeida.

=Tambem guarda o leito por doença a menina Albertina de Jesus Marques.

=Regressaram do Furadouro os snrs. Francisco Fernandes de Souza Villas, Manoel Rodrigues Aleixo e Nicolau Balreira.

### O serviço do Correio

Os nossos leitores deviam ter notado no numero anterior de *A Patria* a falta, pelo menos, da secção noticiosa. Não foi só isso, faltou a publicação do novo horario dos comboios, do artigo *A aggressão de Cimo de Villa*, e d'annuncios de caracter partidaria.

E sabem a quem é devida o causa? Nem mais nem menos ao mau serviço do correio, praticado na estação postal d'esta villa. A's vezes succedem estes fracassos por estravio, com o qual nada tem esta repartição, mas agora não; é alli feito de portas a dentro, de fórma a não se poderem declinar responsabilidades.

Contemos: Na penultima terça-feira, 9 do corrente, foi aquelle

original posto na caixa postal ás 8 horas e meia da noite, hora a que, contra o regulamento ou horario patente na mesma repartição, se achava esta fechada. Este original seguiria no correio das 5,50 da manhã de quarta-feira para o Porto, onde, como anteriormente, chegaria a tempo e horas de ser composto e impresso. Mas como não tornaram a tirar a correspondencia da caixa depois do encerramento da repartição, o original seguiu d'aqui só no correio das 6,27 da tarde de quarta-feira, sendo recebido na Imprensa Civilização ás 9 da noite, hora a que o nosso jornal já vinha a caminho d'Ovar sem a inserção do referido original, cuja publicação se sobrepuja a outro.

Prova esta irregularidade o carimbo exarado no respectivo sobrescripto.

Nós, pela pratica, já sabiamos que as malas, que seguem para o norte no correio das 5,50 da manhã, são feitas de vespera e que correspondencia, que caia na caixa depois da entrada das malas vindas no correio descendente das 10,24 da noite e que tenha de seguir n'aquelle comboio, fica alli em descaço até ás 6,27 da tarde seguinte. E nós, tendo a certeza d'esse descaço, do qual já fomos victima mas em coisas de somenos importancia e que até não valiam uma reclamação, o original que tivemos a enviar para a Imprensa depois das 10,27 da noite temos de o mandar no dia seguinte á estação do caminho de ferro para os comboios das 5,50 da manhã. Todas as vezes que assim temos feito, nunca cahimos em surpresas.

Agora, porém, o correio entrou em novo costume, talvez por a estação telegrapho-postal estar a cargo n'aquelle dia d'um empregado qualquer que ahi esteve na ausencia, por licença, do respectivo chefe, e por isso pedimos a este, que já retomou o seu logar, tenha o incommodo d'annunciar se o novo costume pegou e até a que horas, conforme o seu destino, se pôde deitar correspondencia na caixa, porque assim pratica, ao menos, a boa acção do publico não ser logrado.

Bom é que estas irregularidades se não repitam mais, para bom credito d'aquella repartição, esperando do seu director, por quem temos muita consideração e sympathia, faça entrar isto nos eixos, como lhe cumpre.

D'esta fórma fica explicada aos nossos leitores a razão da falta, no numero anterior, do noticiario e da resposta ao *Jornal d'Ovar*, que hoje publicamos.

### Incendio

Pelas 5 horas da madrugada, de 10 do corrente, foi a villa alarmada pelo toque d'incendio.

Rompia o dia e um clarão enorme vindo do bairro da Arruela illuminava a villa inteira.

Com effeito um violento incendio irrompera d'um predio do largo de S. Pedro, habitado pelo snr. Balthazar Machado Botelho Salazar, o qual predio é pertença de João da Silva Abreu, por alcunha o João das Botas.

Quasi todo o predio era já presa das chammas, quando os soccorros foram pedidos, de fórma que impossivel se tornava dominar o fogo aos bombeiros voluntarios, que alli compareceram rapidamente com a bomba n.º 1 e carro de material.

No entanto o ataque estabeleceu-se e com denodo se trabalhou na extincção do incendio, apesar da falta d'agua que por vezes se sentiu. Não obstante esse fatigante trabalho exercido pelos bombeiros e alguns populares, casa incendiada e mobiliario que dentro da mesma se achava, foram quasi por completo devorados pelas chammas. A muito custo ficou felizmente intacto o cofre.

N'aquella noite não ficara ninguem no predio, pois o seu inquilino, pessoa abastada que ha cêr-

## Centro Escolar Republicano de Ovar

Até ao proximo dia 30 do corrente aceita-se na séde do Centro a inscrição de matricula de alunos para os dois cursos gratuitos de instrução primaria — diurno para creanças e noturno para adultos — cursos que funcionarão n'este Centro rejidos por professor da Associação das Escolas Moveis pelo Metodo de João de Deus.

Podem, ainda, as pessoas que desejem matricular-se declaral-o, ao signatario, e aos cidadãos Manoel Augusto Nunes Branco e Fernando Artur Pereira.

Ovar, 3 de Novembro de 1909.

O secretario da Direcção,  
LUIZ FERREIRA NEVES.

ca d'um anno reside n'esta villa, havia seguido no dia anterior com a familia no comboio das 10,15 da manhã para o Porto, afim de alli passar alguns dias.

A origem do fogo é ignorada, não obstante ter-se dado curso a suspeitas de criminalidade. O dono do predio João das Botas, na occasião do sinistro, arguia publicamente a visinha Margarida de José Pedro, a do Sachristão, com quem anda de mal, mas essa arguição não encontrou echo na opinião publica, que, por sua vez, absolve esta e accusa aquelle.

N'esta corrente de opinião requisitou a auctoridade administrativa, no que andou bem, dois agentes da judicaria, que aqui chegaram no dia 14, encetando os seus trabalhos de investigação no dia immediato, detendo para esse effeito os referidos João das Botas e Margarida do Sachristão, os quaes continuam detidos á hora a que escrevemos, ignorando por isso o resultado d'esta diligencia.

Os prejuizos são consideraveis, achando-se o predio seguro na companhia «Probidade» e a mobilia na «Açoriana», cujas companhias enviaram o seu inspector snr. Pinto Monteiro vistoriar o predio incendiado.

Os bombeiros trabalharam no rescaldo até ás 11 horas e meia da manhã, hora a que retiraram do local do sinistro.

Os importantes trabalhos prestados por esta corporação foram dirigidos pelo 1.º patrão snr. João Alves Cerqueira, tendo-se contudo, por vezes, notado falta de disciplina e saber por parte d'alguns bombeiros.

Compareceu no local grande quantidade de povo, excepto a auctoridade administrativa ou quem suas vezes fizesse, que, como quasi sempre succede, nunca apparece em casos identicos.

Pois a sua presença tornava-se alli bastante precisa.

### Queda

Cêrca das 9 horas da noite, quando já a iluminação publica se havia extinguido com a derradeira gotta de petroleo dos candieiros, ao passar á rua dos Campos por sobre um dos passeios novos alli ultimamente feitos com niveis a seu talante, deu uma queda o official de diligencias d'este juizo, snr. Manoel Maria Duarte, da qual resultou a fractura d'uma perna.

D'este desastre cabe inteira responsabilidade á camara, não só pela carencia da luz mas mui principalmente por não estabelecer um plano de passeios corridos e permittir que cada um construa deante de seus predios passeios com nivel diferente dos do visinho, de fórma a ficar de um para outro uma *escadinha*.

E' tempo de acabar com tamanha inaccção. Providencie ao menos n'estas *pequenas coisas*, afim de se evitar novos desastres.

### Fallecimentos

Falleceu no dia 5 em Arada, d'este concelho, com avançada

idade, o snr. P.º Joaquim Pereira de Rezende.

O finado era um sacerdote muito respeitado e de grande preponderancia n'aquella freguezia. —N'esta villa succumbiu aos estragos da tuberculose, no dia 6, o snr. José d'Oliveira Lopes, filho do snr. João Atanazio d'Oliveira Lopes.

O desventurado moço regressou uma semana antes do Rio de Janeiro.

—Tambem se finou segunda-feira, na sua casa das Luzes, após longa doença, o snr. Manoel Maria Gomes da Silveira, primo do conceituado pharmaceutico d'esta villa snr. Isaac Julio Fonseca da Silveira.

—Falleceu igualmente no dia 15 a snr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Brandão, que ha muito residia na rua da Praça. O seu cadaver foi transportado para a Murtosa da Feira, d'onde era natural.

A's familias enlutadas as nossas condolencias.

### Julgamento

Em audiencia geral foi julgado no dia 5, no tribunal da comarca, o reu Feliciano dos Santos, o «Nabiça», do Porto, pelo crime de furto d'uma carteira contendo réis 380\$000 a Manoel José da Graça, do Loureiro, do concelho d'Oliveira d'Azemeis, na noite de 16 de setembro do anno passado, ao aprear-se na estação do caminho de ferro d'esta villa, e d'um relógio, corrente e medalha d'ouro no valor jurado de 50\$000 réis a Antonio Ferreira Junior, de Fiães, da Feira, em 10 de dezembro do mesmo anno na feira dos dez, nas Vendas Novas, do mesmo concelho.

O jury deu como provado o primeiro crime, reduzindo o valor do furto a 90\$000 réis, e como não provado o segundo, sendo por esse motivo o reu condemnado a tres annos de prisão correcional, no ve mezes de multa a 100 réis por dia, sellos e custas do processo.

### Feira

Realisou-se domingo passado no Largo do Murtyr Almeida Garrett a segunda feira de gado suino da serie que é costume effectuar-se n'esta villa durante o mez de novembro, a qual foi concorrida, fazendo-se transacções a preços bastante elevados.

### Novo horario

Começou a vigorar no dia 5 o novo horario d'inverno, dos comboios da Companhia dos Caminhos de Ferro, o qual publicamos na secção competente.

Fez-se uma representação, assignada por grande numero de pessoas, solicitando da Companhia o prolongamento até Ovar do comboio que do Porto parte á meia noite e que ficava em Espinho.

Esperamos que a Companhia deferirá ao pedido, visto que elle traduz para nós uma grande commodidade e para aquella mais uma fonte de receita.

E' de louvar tal iniciativa.

